

O QUE FAZER COM A NONA (*)

Gastão Wagner de Sousa Campos (**)

A final de contas, haverá ou não essa tal de IX Conferência Nacional de Saúde?

Além da incerteza sobre a realização da IX Conferência aflige-nos, nesta conjuntura, outras dúvidas de maior transcendência, as quais, certamente; teremos de esclarecer sob pena de sermos devorados pela Esfinge (estou inclinado a admitir que esses antigo e hediondo monstro da mitologia grega conseguiu reviver hoje encarnado no Neoliberalismo, tal é o número de heróis da resistência democrática que esta nova-velha fera já engoliu). Então... ou deciframos os enigmas centrais deste nosso tempo ou, pragmaticamente, seremos arrastados pela onda do momento: engolidos pela ideologia dominante: a que afirma a inexorabilidade da permanência do sistema capitalista em sua atual e suposta eterna configuração.

Em relação à conjuntura sanitária nacional, por exemplo, como deixar de intrigar-se com a seguinte indagação: este tal Sistema Único de Saúde é um fato concreto ou coisa abstrata? Ou dizendo de outra forma: o SUS já existe na prática ou ainda é habitante do mundo fabuloso das idéias? Será que ainda vive no país dos projetos, ou naquele outro mais ordenado que é o das ordenações jurídicas -das leis-ou já é a real instituição de saúde pública do país?

Ou ainda colocando segundo uma terceira perspectiva... (A propósito, lembro-me agora que o movimento socialista nem bem conseguiu responder a crucial pesquisa "se haveria ou não uma terceira via?" e a vida já nos está obrigando a discutir se de fato houve mesmo uma primeira ou segunda via para a construção do socialismo e de relações mais democráticas, solidárias e fraternas entre os homens).

(Atenção! o tema acima discutido - o da revolução ou da reforma ou de uma terceira síntese -, a~sar dos parênteses, não entrou aqui por mero acaso) ou só pela mão de alguma liberdade associativa. Não. Em realidade, o considero central para a reordenação do movimento sanitário brasileiro. Frase esta por sua vez, indicativa de que ando a advogar pela reconstrução do projeto político da reforma sanitária: pela REFORMA DA REFORMA (1). Repensar a saúde e nossas práticas e idéias e relações e rituais. Repensar. E reconstruir sem trair a esperança da equidade, da consolidação de espaços públicos e portanto democráticos, sem abdicar da luta contra a morte, a dor, o sofrimento, contra a alienação, contra a dominação e a exploração. Sem ignorar.o contexto: Brasil quase no segundo milênio, digo terceiro. Foi um lapso onipresente apesar de inconsciente e consistente com o real não-onírico. Saúde no ano 2000: Data que não significa nada em si mesma, apesar de toda a força publicitária-cabalística de seus números, o que uso apenas como referência de uma certa situação).

Mas voltemos à terceira maneira pela qual poderíamos reexaminar o curso do movimento sanitário. Terceira visão? Não importa, desde que este ângulo de olhar resulte produtivo. O que é ser um produto útil? Como julgar avaliar -o resultado de qualquer atividade humana? Produto+atividade, seria sempre por meio da

produtividade? Quantidade de consultas médicas num certo espaço de tempo... número de internações hospitalares por um certo custo benefício? Qual o custo do direito à saúde? Qual o valor do SUS? Haveria um cálculo possível do montante a ser pago por algum empresário no leilão de privatização da saúde pública? É sanitário e; privada se assim o fosse. Leiloeiros é que não nos faltam. Nem os interessados em multiplicar para depois dividir as comissões. Os deserdados que se herdem... depois. É o humanismo liberal...

Para a direita -não é que eles ainda existem! -, para os conservadores e liberais de várias matizes. O critério para considerar algo útil não tem haver diretamente com a produção da felicidade humana. Tem haver com maior rentabilidade econômica, ainda que a custa da redução do número de empregados e, por contraditório que possa parecer, da redução do número de consumidores: produtos cada vez mais sofisticados para uma elite cada vez mais ilhada. Aliás, esta é a marca característica e distintiva do capitalismo pós-moderno. E para o espanto de todos os cândidos e ingênuos tem haver até com a redução da oferta de serviços individuais e coletivos de saúde desde que isso resulte em equilíbrio do déficit fiscal... e blá;blá, blá.

Mas para a Esquerda... Desculpem-me por mais uma interrupção na linearidade do raciocínio, é que não consigo construir um texto com um mínimo de ordenação tal é a necessidade de parar a cada momento para reconceitualizar ou para reafirmar algum conceito importante de ser resgatado da vala comum onde a direita tenta lançar tudo que se refere a povo; direitos, conflito e socialismo.

Pois bem, mas ainda há uma esquerda?

"Uma revolução cotidiana que construa infinitas possibilidades de cada um "ser feliz", que implique em pensar cada cidadão como sujeito autônomo e ao mesmo tempo agente da construção do público".

O que queremos hoje estes socialistas?

Nada além de Tudo que o socialismo real e a experiência histórica do movimento operário, socialista, ecológico, de minorias, tangenciou e não conseguiu realizar plenamente. Somos, portanto, seus herdeiros; respeitosos de nossa história mas cientes dos limites e insuficiências do discurso, dos projetos e das práticas dos que nos antecederam e mesmo das que até hoje realizamos.

Os limites do possível não estão mais em acordo com as requisições das necessidades de nosso tempo.

Urge pensar o impensado, superar o possível. Hoje, para a esquerda, democracia e igualdade têm que significar a multiplicação das possibilidades de enriquecimento da vida e da subjetividade de milhões de pessoas, assegurando ao mesmo tempo que o público controle e limite os imperativos do privado.

Ouso afirmar também no campo da saúde que este é o desafio central: queremos representar todas as histórias do sistema nacional inglês e do cubano, da reforma italiana; do movimento latino-americano pela saúde de nossos povos, mas também deveremos transcendê-las para melhor alcançá-las.

É simples e ao mesmo tempo extremamente complexo; Basta reconstruirmos uma sensibilidade revolucionária para este novo contexto. Uma vontade subjetiva e política centrada em negar os limites da ordem, uma disposição para destruir esta ordem, só que ao mesmo tempo construindo novas relações de convivência entre os: trabalhadores, pacientes, comunidades. Uma revolução micro e macro, de guerra de movimento, e de posição, que é gradativa, mas que tem que provocar rupturas qualitativas, na lógica central da acumulação capitalista pós-socialismo real. Uma revolução cotidiana que construa infinitas possibilidades de cada um “ser feliz”, que implique em pensar cada cidadão como sujeito autônomo e ao mesmo tempo agente da construção do público. Que signifique construir uma sociedade de homens com possibilidade e, portanto, com capacidade sempre maior de trabalho, de criação, de serem dirigentes, vanguarda, consumidores, militantes, de se comunicarem e participarem da construção negociada de projetos coletivos de levar á vida.

Felix Guattari tem uma frase que sintetiza este espírito: "*A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma, subjetividade auto-enriquecedora de maneira i contínua na sua relação com o mundo*". É um critério maior para avaliarmos: a atuação do movimento sanitário e o produto das práticas do SUS.

Mas enfim, retomando o fio da meada -a terceira forma de olhar a questão -seria possível a implantação de um Sistema Único de Saúde no Brasil hoje?

A inscrição na Constituição de um desenho genérico do Sistema e de uma série de parágrafos que tornam legal o direito à saúde teria o poder de dar um automatismo à implantação do SUS?

Que agentes sociais poderiam se encarregar da execução deste tipo de atividade humana?

Os Governantes e seus Governos?

E não foi mesmo uma ironia da história que coubesse a Collor/Alceni o comando do processo de instituição do SUS? Afinal foi ou não foi um genocídio Alceni/Magri e Cia. frente ao avanço da Cólera? No Acre? E os veículos para o combate contra o Dengue? E agora. a sisudez mendicante de um cirurgião moderado cercado de bom-senso por todos os lados... conseguirão reverter a sangria de recursos? A agonia de um SUS que nem chegou a SER. É muita seriedade de uma vez só... tudo muito sério. Sereníssimos... intranquilo só quem não consegue nem mais acesso à medicalização nossa de cada dia...cadê o velho pronto atendimento? e a cirurgia desnecessária... agora nem mais a inadiável... afinal quem nunca aceita prorrogação de tempo é só a morte.

E as Secretarias de Estado?Clama a calamidade,..cala-te,boca. Em São Paulo há uma política deliberada de liquidação pública... a Secretaria hoje é uma sombra da sombra que outrora fora. Santa Catarina e Espírito Santo, seriam a beatificação do santíssimo mandamento da privatização. se alguma coisa de novo daí surgisse... no entanto. Deste lodo só tem brotado o velho descaso pelo interesse público..., agora com sabor de modernidade.

E o SILOS? Governos locais, para cada Santos há uma Maringá. é uma Pena que Penápolis não tenha se multiplicado por mil. Porto Alegre nenhum sozinho vai compensar a bruta queda de investimento em saúde dos Estados e da União. Triste. Vitória!!?

E o espírito da época.. onde está a indignação pelos desmandos cometidos? Os ratos comeram? Cadê a força dos usuários trabalhadores? Partidos.., sentidos embutidos. Cadê a solidariedade pelo bicho homem. a preocupação com a saúde da terra e das gentes? As três categorias: ambiente. Sociedade dos homens e mulheres e. a terceira, do sujeito só sujeito. Indivíduo. Enfim, reconstruir a capacidade de indignar-se. De criar um movimento que torne insuportável o descaso pela saúde individual e coletiva. Os baixíssimos gastos com saúde, educação, com o povo enfim é uma política de governo, mas é também um discurso dominante na imprensa, entre os economistas velhos e novos, entre as elites, tecnocratas de diferentes matizes ideológicas.

E os trabalhadores de saúde? Há que se politizar a indignação que tem raízes no corporativo, contrapor à nossa alienação do objetivo de nosso trabalho a saúde do outro -processos que enriquecem nossa subjetividade, nosso profissionalismo, nossa capacidade de agir comunicativo, nossa capacidade de autogestão e ao compor modelos de atenção onde o interesse coletivo e elementos da necessidade do outro estejam representados. Refazer a revolução que é tornara vida possível em novos patamares de solidariedade e criatividade e democracia.

É discutir o Sistema Único de Saúde. Gestão e planejamento. Modelo de Atenção. Forma de financiamento. O que é a Cura. Práticas. Reformas. Eia! Sus! Sus! Interjeição mais demodê, mas forte... Sus. E só mais um começo. Final.

O que desfazer na IX? A,Reformada Reforma?f

(*) Esta nona não é a de Beethoven, e nem a vovó do pessoal de São Paulo, é aquela que não houve e que ninguém pode jurar se vai mesmo acontecer.

(**) Professor DMPS/FCM/UNICAMP.

(1) REFORMA DA REFORMA: REPENSANDO A SAÚDE é O título de minha tese de doutorado, lançada como livro pela editora HUCITEC em agosto de 1992 e onde discuto de forma mais conveniente e detalhada estes temas relativos à construção de práticas e saberes que incorporem e superem a tradição da clínica, da "res publica", da democracia e do socialismo sem perder de vista o tema da saúde.

